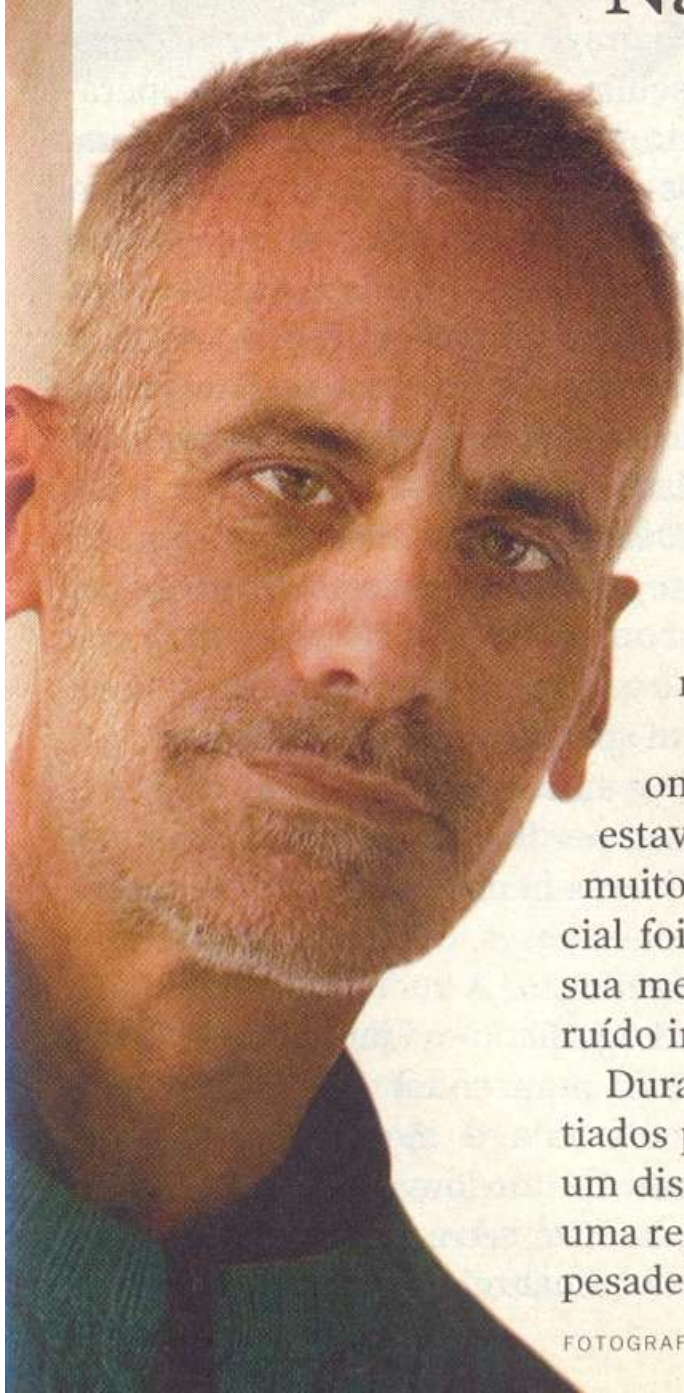


Derrame de gênio

Na sala de cirurgia um
artista renasceu.

POR ELLEN SHERMAN



O CÉU ESTAVA cristalino naquele dia de outubro de 1988, quando Jon Sarkin, um quiroprático de Gloucester, Massachusetts, curvou-se para preparar uma jogada no campo de golfe Cape Ann. Na mesma hora, Sarkin, 35 anos, sentiu um forte calafrio percorrer seu corpo. Tudo parecia diferente. “Pensei que fosse morrer”, diz ele agora.

Mas Jon conseguiu dirigir até sua casa, onde a mulher, Kim, logo percebeu que algo estava errado. Nas semanas seguintes, ele ficou muito sensível à luz e aos sons, e o calafrio inicial foi substituído por um eco perturbador em sua mente. Por fim, o eco se transformou num ruído infernal e constante.

Durante meses, ele e Kim procuraram angustiados pela cura para o ruído que o atormentava, um distúrbio conhecido como zumbido. Não ter uma resposta para uma questão médica era o pior pesadelo – do qual ele quase não acordou.

FILHO DE UM DENTISTA e de uma dona de casa, Jon Sarkin cresceu em Nova Jersey com uma paixão secreta pelas artes. No entanto, o aluno aplicado direcionou seus interesses para a Arquitetura e, depois, para a Quiroprática, na tentativa de satisfazer os pais, que achavam que o filho deveria ser médico. Em 1986, Jon casou-se com Kim Richardson, uma professora, e o casal tinha um estilo de vida tranquilo, mas preocupado com o *status* por causa da comunidade em que se estabeleceram.

Logo tiveram um bebê, Curtis, mas até então Jon raramente relaxava. A única exceção eram os intervalos entre os pacientes, em sua próspera atividade profissional, quando ele rabisava ou desenhava convites criativos para as festas da família. Pensava em um dia, quando se aposentasse, dedicar-se mais aos desenhos.

Foi então que o ruído começou a soar em sua cabeça. Após meses consultando especialistas, veio o diagnóstico: um vaso sanguíneo edemaciado pressionava o nervo auditivo. Em 8 de agosto de 1989, cirurgiões o operaram para inserir uma proteção de *teflon* entre o vaso e o nervo. Os médicos consideraram a cirurgia um sucesso e, quando Jon chegou à sala de recuperação, Kim fez a pergunta que todos queriam fazer: “O ruído acabou?” Jon balbuciou um “sim”, e a família ficou aliviada.

Depois de um dia de recuperação, durante uma visita da mulher, Jon,

que estava recostado na cama, bateu nas cobertas e gritou: “Aqui, *Ida!*” *Ida* era a cadela da família, que estava em Gloucester, na casa deles, a centenas de quilômetros dali. Angustiado, Kim chamou a enfermeira. Um dos médicos de Jon entrou no quarto, levantou o curativo e descobriu que o local da incisão estava cheio de sangue. “Por favor, queira sair daqui agora!”, gritou para Kim, e Jon foi levado às pressas para a sala de cirurgia.

Ele foi operado de novo – e agora a equipe médica corria contra o tempo para salvar-lhe a vida. Ele sofrera uma grave hemorragia e um acidente vascular cerebral (AVC) pós-operatório. Os médicos por fim o salvaram, mas tiveram de remover todo o lado esquerdo do seu cerebelo, a região do cérebro que controla o equilíbrio, a coordenação motora e os movimentos. “Disseram-me que eu havia morrido na mesa e eles me trouxeram de volta”, conta Jon.

Desta vez, quando Jon saiu da cirurgia, eram poucos os motivos para comemoração. “Havia tubos por toda parte”, lembra sua irmã Jane. “Um aparelho respirava por ele.”

Jon entrou em um estado de semi-coma, perdeu peso, teve pneumonia e úlceras hemorrágicas. Mas, depois de dois meses, começou a recobrar a consciência. A recuperação foi difícil. Logo ficou evidente que ele precisaria reaprender as funções básicas de fala e movimento. Estava surdo de um ouvido e tinha visão dupla. Kim recorda que ele, debaixo de um emaranhado de tubos, aperta-



va-lhe a mão num esforço para se comunicar. “Ele girava os olhos que pareciam dizer: *Não posso acreditar em tudo isso...*”

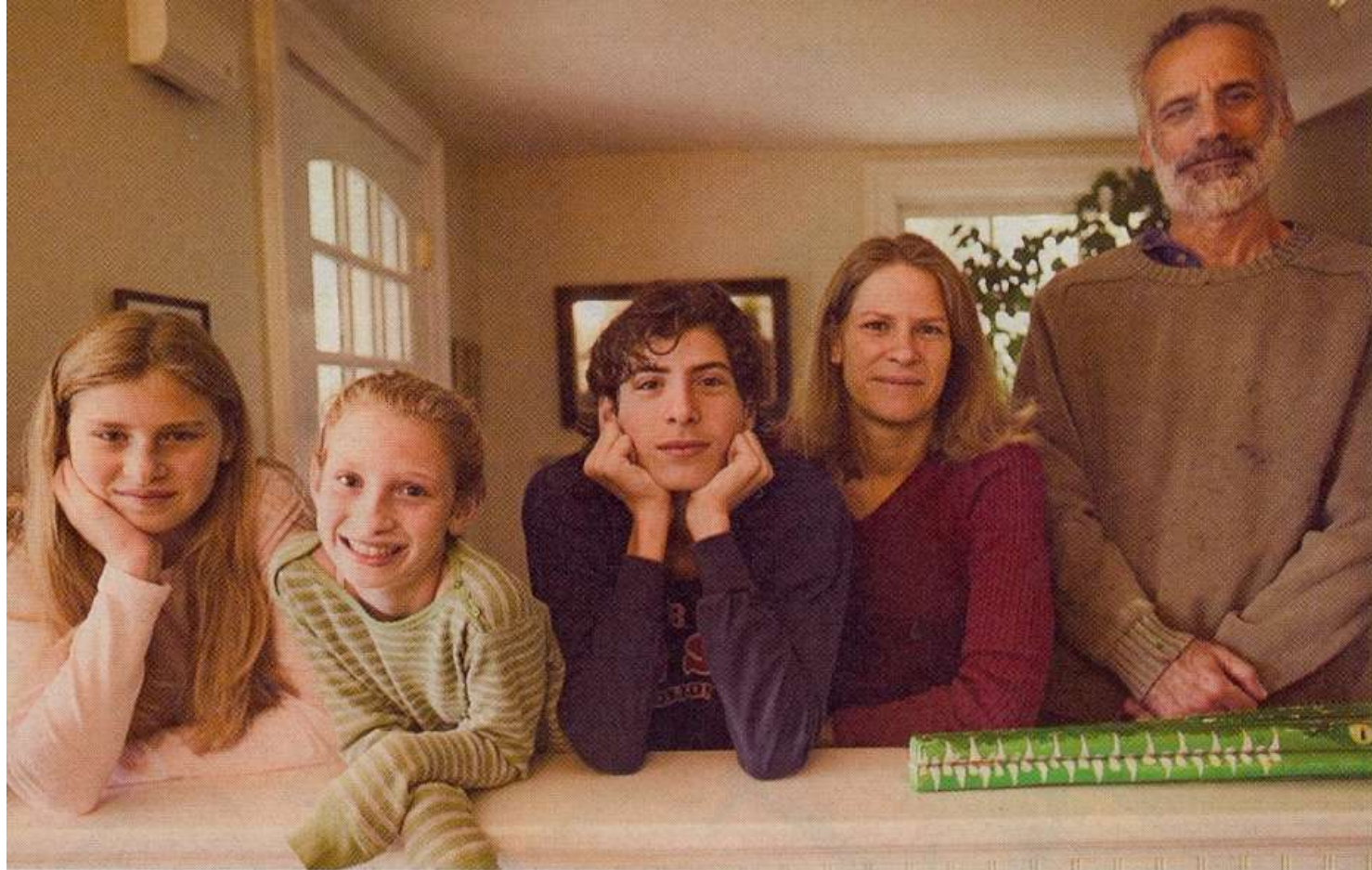
Três meses e meio depois da cirurgia, Jon estava pronto para voltar para casa. Chegou de ambulância, da qual saiu numa cadeira de rodas. “Fomos preparados com antecedência para não nos assustarmos com sua péssima aparência”, diz seu amigo John Keegan. “Jon era um atleta. Agora seus braços, que um dia haviam sido musculosos, pareciam ter uns três centímetros de diâmetro, e a pele estava amarelada. Ele perdera quase tudo.”

Mas Jon caminhou a passos largos para a reabilitação. Em cinco meses, estava andando e havia recuperado a maior parte da força. Dentro dele, no entanto, profundas mudanças emocionais haviam acontecido. Embora sua inteligência e sagacidade perma-

O fértil trabalho de Sarkin tumultua seu estúdio – um estudo no caos criativo.

necessem intactas, ele estava agora disperso e impossibilitado de acompanhar detalhes da vida cotidiana. Contas deixavam de ser pagas e compromissos caíam no esquecimento. Além disso, por um certo tempo ele desenvolveu obsessões. Uma delas com relação a reciclagem. Como em Gloucester, na época, não havia esse processo, ele resolveu enviar todas as garrafas plásticas da família ao irmão, que morava a 800 quilômetros de distância, na cidade de Buffalo, onde a reciclagem já existia.

Os Sarkins sabiam que a remoção do cerebelo esquerdo traria consequências físicas, mas os médicos não tinham uma explicação concreta para as mudanças psicológicas. Parecia que Jon estava destituído dos sensores responsáveis pelo que pensamos,



Jon Sarkin com a mulher, Kim, e os filhos (a partir da esquerda), Robin, Caroline e Curtis.

dizemos e pelo modo como agimos. Ele falava qualquer coisa que lhe passasse pela cabeça, não importando o quanto fosse impróprio. “Eu era como aquele personagem do filme *O mentiroso*, de Jim Carrey”, lembra. “Precisava dizer tudo o que estava pensando. Era assustador.”

As convenções sociais pertenciam ao passado. Se ele achasse alguém desinteressante, saía no meio da conversa. Além disso, ria nos momentos errados e tinha dificuldade de compreender as outras pessoas. “Eu dizia: ‘Sei como você se sente’”, conta Jon. “Mas por dentro eu pensava: *O que está acontecendo?*”

Nesse meio tempo, Kim sentia-se como se tivesse perdido a segurança de um parceiro confiável. “Ele pare-

cia um adolescente sem controle de suas emoções”, recorda, “com uma perspectiva distorcida e terrivelmente distraído. Só suportei aquela fase porque Jon é a minha família. E eu o amo.” Ela também sentia que a essência do marido não havia mudado. “No fundo, sua personalidade e valores permaneciam os mesmos.”

Em 1990, um ano antes do nascimento do segundo filho – agora uma menina, Robin –, Jon sentia que havia readquirido o traquejo social necessário para um profissional da saúde e decidiu voltar a trabalhar como quiroprático. “Eu queria apoiá-lo”, diz Kim, “mas me sentia desconfortável com isso, pois ele ficava muito cansado tentando manter o autocontrole.”

Nos primeiros meses tudo correu bem, mas logo ficou claro que o coração de Jon não estava mais naquele trabalho. Atender pacientes o dei-

xava exausto, tanto do ponto de vista físico quanto emocional. O que o empolgava agora eram os esboços que fazia entre as consultas. Desenhava qualquer coisa, desde pessoas com cabelos espetados até o Edifício da Chrysler, depois rabiscava citações ao redor das imagens, misturando palavras, criando significados novos. Frases do escritor Henry Thoreau eram entremeadas com figuras de Elvis ou traseiras de carros antigos. “Minha arte, antes linear e organizada, tornou-se impetuosa e caótica”, explica ele.

Jane, irmã de Jon, impressionada com o trabalho dele, perguntou se podia enviar alguns desenhos para a revista *The New Yorker*. “Eu achava que, de certa forma, seria interessante receber uma carta de recusa de uma revista tão importante”, lembra Jon.

Foi então que um dia, quando estava criando furiosamente um de seus “rabiscos”, o telefone tocou. A voz do outro lado disse: “Aqui é da *The New Yorker*.” “A primeira coisa que pensei foi que era legal da parte deles ligar avisando da recusa”, diz Jon. Mas, para sua surpresa, a revista estava aceitando não um, mas oito de seus desenhos!

Em 1994, Jon abandonou a Quiroprática. Não foi uma decisão fácil. “Ele ficou triste”, lembra Kim, “mas nós dois sabíamos que a tensão era demais.” Jon começou a se dedicar integralmente aos desenhos, não tanto como parte de uma carreira, mas como válvula de escape que mais do

que nunca combinava com ele. Na arte, encontrou um lugar onde podia expressar-se sem se preocupar com o julgamento de ninguém.

A transição também não foi fácil para Kim, que acabara de dar à luz outra menina, Caroline. Embora a família estivesse recebendo uma pensão por invalidez, e Kim, em caso de necessidade, pudesse voltar a dar aulas, ela vivia apreensiva. “Minha maior preocupação era ter de deixar as crianças para voltar a trabalhar. Jon não era alguém com quem eu pudesse deixá-las”, relata.

Enquanto isso, o trabalho de Jon havia despertado a atenção da *marchand* Jane Deering. Nos últimos anos, as exposições de Jon Sarkin na galeria de Jane, em Gloucester, têm sido um sucesso. “Seu trabalho surpreende pela riqueza”, afirma Jane. “Visualmente, é um desafio. Talvez haja um padrão de beleza. E um outro nível é a linguagem.”

EM 2003, o estúdio de Diane von Furstenberg, em Manhattan, expôs os trabalhos de Jon para um público que incluía Meryl Streep e a apresentadora Diane Sawyer (hoje, suas obras são vendidas por até 10 mil dólares). Com estilo inimitável, Jon começou a falar alto no *vernissage*: “Aquela é Meryl Streep. Não acredito que ela está aqui.” Seu amigo Keegan explica: “Jon nem sempre sabe quando deve ficar calado, mas é assim que ele é agora, e você acaba se acostumando.”

Jon, que vendeu para o ator Tom Cruise os direitos da história de sua vida para o cinema, afirma: “Às vezes fico agitado e as pessoas percebem. Mas, se você fizer uma lista dos dez principais motivos para não estar nem aí para o que as pessoas pensam, deverá incluir nela uma experiência de quase-morte!”

Há dias, no entanto, em que Jon lamenta o que perdeu. Na praia, vê adolescentes surfando. “Adoraria fazer windsurfe com meu filho e não posso”, lastima ele, que 16 anos depois do AVC ainda sofre de falta de equilíbrio e às vezes usa uma bengala. Jon precisa se lembrar constantemente de articular bem as palavras, senão sua fala se torna ininteligível. “Eu estava num estado de semicomma”, diz ele. “Não há como sair disso totalmente ileso. Sei que há partes de mim que não estão aqui”, admite.

A filha caçula de Jon e Kim tem agora 12 anos. O Jon Sarkin artista é o único pai que os filhos conhece-

ram. De vez em quando, ele os leva para seu lugar de trabalho, onde, juntos, criam os próprios projetos artísticos. “Eles folheiam revistas e dizem: ‘Use esta figura’”, conta Jon. “Ou, quando estou desenhando, me pedem: ‘Por que você não faz esse cara com três olhos – ou cinco?’ Eu adoro.”

Jon aponta para uma das paredes do seu estúdio, coberta com citações e imagens de Bob Marley, Oscar Wilde, Martin Luther King. “É assim que vejo o mundo agora”, diz.

“Acho que ele tem um dom que foi exteriorizado com o AVC”, afirma sua irmã Jane. “E que passa direto do cérebro para o papel.”

Jon admite que foi uma jornada incrível. “As pessoas perguntam como será meu futuro. É estranho o modo como vivo agora. Não me adapto. É muito solitário.” Então ele faz uma pausa e um leve sorriso ilumina seu rosto. “Mas ao mesmo tempo é muito libertador.”

POR UM NATAL MENOS GORDO



No Natal do ano passado, Laura, minha mulher, resolveu controlar as calorias ingeridas para minimizar os inevitáveis quilos adquiridos com as festas de fim de ano. Ela me pediu que escondesse suas guloseimas favoritas num armário alto demais para que pudesse alcançar, até mesmo com uma cadeira. Naquela noite, quando cheguei do trabalho, encontrei um enorme saco de salgadinhos quase vazio.

- Como foi que esses salgadinhos desceram? - perguntei, surpreso.

- Com um golinho de ponche - respondeu Laura, um pouco envergonhada.

JARRETT SYLVESTRE, Canadá

Ser pai
é fingir que
meias são
seu presente
favorito.

BILL COSBY

“ ENTRE ASPAS®

Você nunca aprende
muita coisa se ouvindo
falar.

GEORGE CLOONEY na Entertainment Weekly

Ano-Novo é como segunda-feira,
mas em escala ampliada.

LUIZ EDUARDO SOARES

Se existe uma coisa
da qual tenho certeza
é de que Deus adora
uma boa piada.

HUGH ELLIOTT, blogs.salon.com

A entrada de um novo ano mostra
que a vida continua. Passado, pre-
sente e futuro se misturam, com
muita coisa boa para acontecer.

WALCYR CARRASCO

QUEM DISSE?

Não vejo
muito
televisão.

- a) Chico Anysio
- b) Boris Casoy
- c) Daniel Filho

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

c) Daniel Filho na Playboy

Não importa se você
guardou direitinho
as lâmpadas usadas no
Natal do ano passado.
Elas estarão completa-
mente enroladas
de novo este ano.

ROBERT KIRBY no The Salt Lake Tribune

Papai Noel está certo: visite as pessoas
apenas uma vez por ano e você será
sempre bem-vindo.

RICHARD LEDERER

em Have yourself a punny little Christmas (Wyrick & Co.)

Em poucas palavras: amar alguém
tem a ver com dar, e não com receber.

NICHOLAS SPARKS

Quero as
minhas
expressões,
preciso das
minhas
futuras
RUGAS.
Jamais faria
plástica.

DANIEL OLIVEIRA na Vizoo



\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de pessoas
famosas contemporâneas (página 20).